

EDUCAÇÃO INFANTIL E MULTISSERIADO: REFLEXÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO NO CAMPO

Vanikele Neves de Sousa Vieira ¹

Zildene Francisca Pereira ²

RESUMO

Este artigo é parte do capítulo de análise da monografia intitulada: Atuação do/a professor/a nas escolas multisseriadas do campo: Desafios e possibilidades no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil. Estudo este realizado com educadoras que atuam em escolas do campo no município de São José da lagoa Tapada/PB, mais precisamente em turmas multisseriadas que também atendem a Educação Infantil, com o intuito de discutir sobre questões pertinentes ao meio educacional. Nesse sentido buscando maiores compreensões sobre as dificuldades enfrentadas por professores/as para a realização do processo de ensino-aprendizagem de crianças da Educação Infantil em salas multisseriadas bem como analisar a atuação de professores/as frente às barreiras encontradas nessas turmas e identificar os desafios no processo de ensino aprendizagem e discutir as práticas pedagógicas vivenciadas a partir da perspectiva de professores/as. O estudo conta com aporte teórico de autores como Cavalcante (2010); Oliveira; Morais (2015); Silva; Silva (2013); dentre outros. Foi realizado um estudo de campo com coleta de dados e entrevista semiestruturada com participação de quatro professoras da rede pública. A análise dos dados nos aponta para muitos desafios desde estrutura física, materiais pedagógicos e falta de apoio em sala de aula para dar conta de uma turma multisseriada com Educação Infantil inclusa. Diante do que foi coletado, fica explícito que é preciso uma maior atenção à educação no campo, ampliando recursos e dando possibilidades para que os professores possam desenvolver seu trabalho da melhor forma possível.

Palavras-chave: Educação Infantil, Multisseriado, Escolas do Campo.

1. INTRODUÇÃO

O acesso à escola perto da moradia é um direito da criança, contudo, nas escolas do campo, ainda, persistem inúmeras barreiras que dificultam o ensino, nessas

¹ Pedagoga, Pós-Graduada em Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica pela Universidade Faveni. Email: sousa.vany90@gmail.com

² Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, campus Cajazeiras/PB.
Email: zildene.francisca@professor.ufcg.edu.br

localidades, dadas as condições limitadas. De certo modo, a efetivação do processo educativo de qualidade, ao qual tanto almejamos, fica comprometido por diferentes razões.

Podemos enfatizar que a organização das turmas no campo é composta, em grande parte, por multisseriado e em muitas tendo a Educação Infantil nessa junção o que pressupõe uma ampla e complexa discussão em torno do compromisso maior que é o aprendizado dos educandos em suas diferentes etapas de desenvolvimento.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2013) nos apontam que esta etapa de escolarização na vida da criança requer condições favoráveis ao seu pleno desenvolvimento, conduzidos com a ludicidade e propósitos bem definidos acerca da intencionalidade do que é trabalhado em salas multisseriadas e que as práticas pedagógicas não deverão fragmentar as diferentes possibilidades em que a criança se encontra.

O artigo é parte do capítulo de análise da pesquisa de monografia de graduação, do curso de Pedagogia, realizada com quatro professoras da rede pública do município de São José da Lagoa Tapada-PB, que atuam em salas multisseriadas no campo, tendo como propósito analisar o contexto do desenvolvimento das práticas pedagógicas diante das realidades vividas em turmas que atendem a Educação Infantil, juntamente com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental.

As professoras aqui identificadas como: Amanda; Fátima; Raimunda e Maria, nomes fictícios, contribuíram por meio de entrevista semiestruturada, a partir de questões previamente elaboradas, para buscarmos compreender o processo de ensino-aprendizagem e seus desafios durante a realização das atividades nessas turmas no campo. Apresentamos aqui, esse recorte, por entendermos que o posicionamento das professoras nos fazem repensar as salas multisseriadas com toda sua complexidade.

2. Campo, Educação Infantil e multisseriado: desafios para o trabalho docente

Atuar no campo implica conhecer uma realidade diversa daquela vivida na cidade, isso se configura claramente nas palavras das quatro professoras, participantes da pesquisa que, por vezes, durante a entrevista relatam situações de dificuldades vivenciadas, como descrito, inicialmente, pela professora Fátima quando diz que

As dificuldades são muitas, a escola que eu trabalho não tem guarda, não tem secretaria de apoio, por exemplo: uma criança adoecer, se adoecer na sala, se não conseguir ligar para a mãe, o carro vai ter que ir embora com todos os alunos... outra dificuldade é a locomoção, hoje mesmo quando fui trabalhar tinha um buraco feio na estrada, tive que esperar aparecer alguém para me ajudar a passar.

De acordo com a fala da professora vimos que as dificuldades estão relacionadas a diferentes aspectos como: falta de pessoal para trabalhar, a locomoção para chegar até a localidade e o próprio acompanhamento da criança se ela tiver uma maior necessidade com relação a sua saúde. Reafirmando o que nos apresenta a professora Fátima, temos o relato, também, da professora Maria quando traz em sua fala aspectos praticamente iguais, relatando que no campo o professor tem que se virar sozinho, sem apoio nenhum e afirma:

A gente não tem muitas coisas para oferecer para as crianças, é papel, caneta e a gente lá para se virar dessa forma. O percurso também é outra dificuldade, eu ando no mesmo carro que os alunos, já teve dias de eu ter que passar com eles nos braços por causa do riacho no meio da estrada, eles são pequenininhos não conseguem passar [...].

As dificuldades descritas por elas contemplam um conjunto de situações que torna o trabalho docente uma luta diária para driblar as barreiras, pois como bem nos traz Cavalcante (2010, p. 560) “Os educadores estão diante de uma responsabilidade socioambiental: a de fazer valer a educação de qualidade para todos, nos cantos óbvios e cantos não tão óbvios que se configuram no território brasileiro”. Contudo, podemos até mesmo refletir sobre a possibilidade de fazer valer essa educação tão esperada mediante situações complexas vivenciadas por professores e alunos no campo que vão desde o espaço físico, de pessoal e de chegada ao local de trabalho.

Ainda sobre os desafios segundo as professoras os problemas mais complexos são relativos ao multisseriado, espaço e a falta de material para trabalhar com a Educação Infantil que juntos traçam o perfil de uma educação com carências e de pouca visibilidade por parte do município. As participantes da pesquisa seguem apresentando os impasses da educação no campo, principalmente quando as salas atendem a Educação Infantil.

A professora Raimunda descreve: “O espaço não é de acordo, falta espaço para trabalhar, falta material, então é bem complicado você conciliar um multisseriado”. A falta de material foi queixa unânime e um dos desafios vivenciados por elas. A professora Amanda completa “Os materiais que eu trabalho eu trago de casa, lápis de pintar, por exemplo, aqui não tem, esse ano não veio, não tem material nenhum! Por isso que eu digo que trabalhar um multisseriado desse jeito é complicado”.

No que tange a Educação Infantil a falta de material é um desafio que dobra o trabalho do professor (a), pois bem sabemos o quanto é fundamental que estes tenham subsídios para essa etapa de desenvolvimento. Nesse sentido, podemos enfatizar que a falta de material é também falta de compromisso com a Educação Infantil nas escolas do campo. A fala de Maria esclarece-nos o quanto é difícil para ela e para as crianças essa carência, quando diz: “[...] não tem material para a Educação Infantil, eles questionam muito isso, às vezes eu compro uma coisa ou outra e levo. Uma vez uma professora que ensinava lá doou dos filhos dela restos de brinquedos, ah foi uma alegria para eles”.

O que se põe em discussão é sobre o porque as creches recebem todo material necessário à atuação na Educação Infantil, sendo a Secretaria de Educação responsável por tal aquisição e as turmas do campo que contemplam, também, a Educação Infantil são excluídas. É preciso, pois repensar o tratamento dado às escolas do campo para que de fato a educação seja garantida com qualidade para todas as crianças, independentemente da localidade, zona urbana ou rural.

Ainda nessa perspectiva Ximenes-Rocha; Colares (2013, p. 93) apontam que a “[...] carência de materiais didáticos também compromete a qualidade do trabalho docente e a adaptação de materiais inusitados para uso didático é frequente”. A professora Fátima, por exemplo, relata sobre os materiais e diz: “[...] tem muita coisa que a gente mesmo cria [...] muito material eu faço de sucata, por exemplo: eu pego caixas de papelão e confecciono dados”. Podemos dizer que as dificuldades não cessam, em se tratando de utensílios necessários ao funcionamento da escola, e assim destacamos um relato quando a professora diz:

A geladeira nova que a escola adquiriu a Secretaria mandou buscar e levou para uma escola da cidade e nos mandou uma caindo aos pedaços, e ainda é pra agradecer ter essa, porque antes a merenda era guardada na geladeira da minha casa (Professora Maria, 2019).

Diante do apresentado percebemos que, ainda, se mantém a desigualdade perante as escolas do campo. A maioria dos pesquisadores aponta para a precariedade das escolas campesinas em estrutura física e as longas distâncias percorridas por professores e alunos para chegar à escola (XIMENES-ROCHA E COLARES, 2013). Teixeira e Lima (2012, p. 150) também apresentam tais implicações quando dizem que “O que é bom e novo fica na escola urbana, o que não tem mais utilidade é enviado para a zona rural”.

O sucateamento dessas escolas retrata a desigualdade de oportunidades oferecidas ao desenvolvimento de um bom trabalho do educador, pois o processo educativo é um conjunto de condições as quais refletem diretamente no educando. Nessa perspectiva e levando em consideração o multisseriado como dificuldade principal apresentada pelas professoras, a Educação Infantil inserida nessa organização de turma múltipla constitui uma dinâmica pedagógica complexa, pois o educador tem na mesma sala turmas distintas que requer dele sua atenção por inteiro e não de forma fracionada, principalmente considerando as especificidades da atividade com crianças da Educação Infantil que é bem diferente dos Anos Iniciais.

Considerando o que nos apontam as professoras, trabalhar com a Educação Infantil e outra série junto é algo que não condiz com a realidade do campo, pois há um contraste entre o que é necessário e o que se têm nas escolas para oferecer a essas crianças. De acordo com Silva; Silva (2013, p. 169) “A infância é um momento específico do desenvolvimento humano e deve ser compreendida de maneira integral, considerando seus aspectos cognitivos, afetivos, sociais e culturais [...]”.

A fala da professora Raimunda vai de encontro ao que foi citado anteriormente quando diz que “[...] é bem complicado você conciliar um multisseriado, principalmente com a Educação Infantil e 1º ano, pois Educação Infantil precisa trabalhar o lúdico muito, muito, muito e a gente não tem nenhum material para isso”. Nesse contexto do que nos apresenta a professora o que percebemos é que não basta querer fazer um bom trabalho, é preciso ter condições e as políticas públicas relativas a educação são negligentes e se abstrai de suas responsabilidades frente a qualidade do atendimento a educação do campo, pois não basta oferecer educação apenas com o intuito de cumprir o que dispõe a lei, é preciso uma análise crítica dos problemas existentes nessas áreas para proporcionar igualdade de atendimento.

No que se refere à Educação Infantil é importante ressaltar que esta é uma etapa de significações, mas fica claro através das entrevistas que atuar com crianças nessa faixa etária de 4 e cinco anos, juntamente com o 1º ano é uma tarefa inviável se for para acontecer da forma que é compreendida por Lei, levando em consideração o que deve ser trabalhado em cada etapa. Desse modo, a professora Fátima afirma: “[...] a gente tem que trabalhar a educação Infantil é para brincar, é para cortar, colar, usar tinta. 1º ano já é para está aprendendo as famílias, a juntar, ler, escrever [...]”.

O que percebemos é o quanto o (a) professor (a) precisa se desdobrar para dar conta de uma sala multisseriada e no caso das que contemplam a Educação Infantil isso se intensifica, pois as crianças de 4 e 5 anos precisam de atenção, cuidados básicos e ensino, na verdade necessitam da tão discutida relação entre o cuidar, o educar e o brincar para que seja possível a aprendizagem e da forma que as professoras desenvolvem o trabalho se torna difícil de ser realizado com conteúdo a ser contemplado para outra turma que precisa evoluir na leitura e na escrita e as cobranças serão inúmeras ao final do ano.

O trabalho das professoras frente à Educação Infantil, desse modo, acaba sendo incompleto, não por querer, mas pelas circunstâncias, como descreve a professora Maria quando diz: “Assim, é para trabalhar mais dinâmica com as crianças menores, com desenho, essas coisas, mas eu não tenho nem oportunidade de trabalhar com isso, por causa que já tem uma turma de 1º ano, eu tenho que capacitar aquela turma que vai para o 2º ano”.

Se pensarmos bem, a partir da própria fala da professora o crédito maior são para aquelas crianças que já estão no 1º ano do Ensino Fundamental e compreendemos que para as crianças da Educação Infantil pode ser feita alguma atividade que ocupe a maior parte do tempo já que estas não serão cobradas com atividades que requer uma maior maturidade e desenvolvimento.

Em se tratando da discussão das práticas pedagógicas, as professoras trabalham de forma basicamente iguais. De acordo com as entrevistas as atividades são sobre o mesmo conteúdo, o que muda é que as atividades da Educação Infantil são menos avançadas e são sempre levadas prontas, de ambas as turmas. Assim é destacado na fala da professora Fátima quando diz: “[...] eu levo o material pronto de casa, se não levar material não faz nada, enlouquece [...] quando os da Educação Infantil termina a tarefinha [...] eu coloco eles no cantinho da leitura [...]”.

O que percebemos é que a Educação Infantil não é contemplada com atividades para a etapa de desenvolvimento que estão, e quando utilizados os materiais indicados para essa fase (única escola das quatro que possui esses materiais, por ter Conselho Escolar) eles são utilizados aleatoriamente sem uma intencionalidade. Nesse sentido, Teixeira (2013, p. 190) discorre que

[...] a tarefa do (a) professor(a) da Educação Infantil não é lotar as crianças de conteúdos muitas vezes irrefletidos e alienantes, nem facilitar ou simplesmente acompanhar seus processos de aprendizagem [...] porque podem intencionalmente planejar, organizar e propor atividades que coloquem a criança em interação com a cultura, rompendo com os limites de sua natureza biológica e promovendo sua humanização.

Porém, como explanado anteriormente, na maioria das vezes, o que compromete o desenvolvimento ideal por parte do professor (a), é o tempo diante de uma sala multisseriada, em que a atenção se divide em dois grupos e duas perspectivas de trabalho diferentes. Contudo, a professora Amanda, embora com poucas condições para desenvolver seu trabalho demonstra maior preocupação com o desenvolvimento de cada criança e responde ao questionamento da seguinte maneira: “[...] quando a criança tem dificuldade, eu tenho que procurar um método de trabalhar que dê certo para ela [...] saber o que está aprendendo naquela brincadeira”.

Quando questionadas sobre se elas consideram que desenvolvem o trabalho levando em consideração as expectativas das crianças, a professora Amanda não consegue responder com precisão ao que foi perguntado. Já a professora Raimunda é firme em seu posicionamento e diz: “[...] não, totalmente não, é como falei falta o ambiente, espaço, apoio, material”. A professora Fátima sobre essa perspectiva quando diz que incentiva aqueles que terminam primeiro as atividades a ajudar os coleguinhas, enxergando através disso uma possibilidade de que essas crianças sintam-se valorizadas e enxerguem seus próprios avanços. Mediante o ensino, Fátima completa: “[...] eles vão se sentir importantes e invés de está dando trabalho, eles vão ajudar e quanto mais ajudam, mais aprendem”.

Atender as expectativas, nesse sentido, consiste em atuar valorizando os modos pelos quais as crianças sintam-se estimuladas em aprender, conforme nos traz Silva e Silva (2013, p. 182) “[...] Todo o processo de aprendizagem define-se, além de outros

fatores, por meio de métodos e interações que consigam estimular e envolver as crianças”. [...]. Ainda sobre isso, nos acrescenta Teixeira (2013, p 191)

[...] o (a) professor (a) da Educação Infantil não é nem o jardineiro que deixa as plantinhas crescer naturalmente sem nada fazer senão regá-las e adubá-las, nem o transmissor unidirecional de conhecimentos. Sua função é precípua é ‘nutrir possibilidades relacionais.

O que os autores trazem acaba não sendo totalmente possível frente aos inúmeros desafios aqui apresentados pelas professoras. Seguindo no mesmo direcionamento, na fala da professora Maria percebemos que ela compreende que está atendendo as expectativas das crianças no sentido de que elas conseguem aprender e diz: “[...] Eu acho que tem uma grande diferença das crianças da cidade para as do campo. [...] o município tem até certo preconceito com as crianças do campo [...] mas eu já vi gente indo visitar minha escola e se surpreendendo”.

Vimos, mediante a partilha de informações com relação ao trabalho docente em salas multisseriadas, juntamente com a Educação Infantil, que não podemos deixar de enaltecer o trabalho da professora diante dos avanços positivos, considerando as inúmeras dificuldades encontradas na realização das atividades e no estar na profissão, muito embora o processo de ensino-aprendizagem dessas crianças esteja sendo muito engessado e isso se confirma quando a professora Maria analisa a brincadeira em sala e diz: “[...] eles sentem falta do brincar [...] a gente só brinca na sexta-feira [...] mas não tem chance de brincar mais por que eu tenho que trabalhar mais com o 1º ano, e não tem como trabalhar numa atividade e brincar com os outros ao mesmo tempo”.

O que a professora traz em sua fala é a realidade da falta de apoio em sala de aula, sem monitor, o professor fica dividido entre a atenção que requer a Educação Infantil e o ensino de conteúdos da turma do 1º ano, e nessa situação, três das quatro entrevistadas priorizam o 1º ano, isso por conta das cobranças que recaem sobre o professor(a) caso os alunos cheguem ao 2º ano com muitas dificuldades. As professoras entrevistadas, ainda, completam que a cobrança vem dos próprios professores que ignoram a realidade do trabalho desses no campo frente aos mais diversos desafios.

Podemos, ainda, inferir que essas cobranças veem, também, dos pais que querem que seus filhos adquiram novas habilidades que são oriundas da própria escola e da Secretaria de Educação que espera que seja realizado um trabalho condizente com as

leis que asseguram à criança o direito de estar em um ambiente educacional que faça com que a criança se desenvolva.

Desse modo, vimos que são muitas cobranças que fazem com que as professoras se sintam, muitas vezes, incapazes de desenvolver um trabalho de boa qualidade, embora pelo que vimos elas tentam de toda forma construir laços entre alunos/crianças e professoras em suas mais diversificadas situações de desafios na escola do campo, levando em consideração o trajeto, a falta de materiais adequados para cada faixa etária, bem como o comprometimento com as crianças do 1º ano que terão uma cobrança maior, pois se espera que, nesta fase, a criança já tenha adquirido as habilidades necessárias para o aprendizado da leitura, da escrita e noções mínimas de matemática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui realizado trouxe questões pertinentes ao entendimento de salas multisseriadas, que nos possibilitou a discussão acerca da temática contribuindo com importantes informações a partir da realidade vivida por profissionais que atuam no campo, realidade esta que evidencia o descaso com a educação nessas áreas e que reafirmam a importância de levantamentos constantes sobre as condições dadas a esse público e, conseqüentemente, que se possa buscar caminhos para mudar essa realidade retrógrada, pois como bem sabemos a educação do campo tem uma história de preconceitos e de pouca visibilidade, pressupostos estes que precisam ser deixados para trás e seguir com o compromisso de levar educação de qualidade para todos os lugares, uma educação que dê espaço a novas perspectivas e igualdade de oportunidades para o pleno desenvolvimento dos educandos.

Diante de tudo isso fica evidente que garantir condições favoráveis para a realização do trabalho docente bem como de toda equipe escolar se faz necessária e urgente nessas localidades lhes dando o suporte que precisam para o bom desempenho de suas atividades e garantindo as crianças o usufruto desse espaço com prazer, bem estar e com recursos disponíveis para a ênfase no ensino e aprendizagem escolar.

Por fim, podemos destacar que a educação é o caminho para infinitas oportunidades na vida, ela rompe barreiras e mostra o poder transformador do conhecimento numa sociedade, e por isso esperamos que o estudo aqui apresentado

instigue o interesse por novas pesquisas, pois quanto maiores forem as discussões, maiores, também, serão as possibilidades de mudanças.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CAVALCANTE, L. O. H. **Das políticas ao cotidiano: entraves e possibilidades para a educação do campo alcançar as escolas no rural.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 68, p. 549-564, jul./set. 2010. Disponível em: . Acesso em: 20 jul. 2018.

OLIVEIRA, F. A.; MORAIS, F. D. R. **A efetivação de direitos e a educação da criança do campo.** Fragmentos de cultura, Goiânia, v. 25, nº 1, p. 93-103 Jan./Mar 2015.

SILVA, J. B; SILVA, A P. S. A criança e o ambiente natural: experiências da educação infantil em assentamento rural. In: SILVA, I. O; SILVA, A P. S; MARTINS, A. A (orgs). **Infâncias do Campo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 167-183.

TEIXEIRA, S. R. S. Crianças ribeirinhas brincando na pré-escola. In: SILVA, I. O; SILVA, A P. S; MARTINS, A. A (Org.). **Infâncias do Campo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 187-203.

TEIXEIRA, R. C.; LIMA, S. L. S. A multisserie frente aos desafios da educação do campo. **Entrelaçando revista eletrônica de culturas e educação.** Nº 6, v. 2, p. 149-158. Ano III. Bahia. Set/dez 2012

XIMENES-ROCHA, S. H.; COLARES, M.L.I.S. A organização do espaço e do tempo escolar em classes multisseriadas: Na contramão da legislação. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 13, 2013, p. 90-98-312. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640296/7855>>.